

## CINEMA COM PIPOCA NA ESCOLA?

Por Cláudia Mogadouro

01/11/2018



Foto: Divulgação

Há muitas formas de se aprender e de se ter experiências culturais significativas. O cinema é inegavelmente um instrumento potente, porque entra em nosso corpo por todos os poros. Uma aula expositiva e os textos também têm seu papel, porém perderam a força especialmente no mundo frenético em que vivemos. Esses instrumentos não são excludentes e o cinema na escola (entendido aqui como cultura audiovisual) permite um diálogo interessante com os textos e os debates. Mas a relação cinema e educação é bem mais complexa do que parece e a presença do cinema na escola tem nos mostrado não apenas boas experiências, mas muitos equívocos também.

Em minhas andanças por cursos de cinema ministrados a professores, tenho percebido que é muito comum a escola promover “sessões pipoca” com os alunos, isto é, anuncia-se a exibição de um filme ou num auditório ou numa sala especial da escola e prepara-se a pipoca para este momento especial. Às vezes, há também refrigerante ou suco. Esta é uma prática tanto da rede particular como da pública. E os relatos chegam cheios de orgulho, dando a entender que cinema e alunos estão sendo muito bem considerados.

Eu me pergunto se estou ficando ranzinza demais, porque implico com a pipoca nas sessões de cinema na escola. Talvez esteja mesmo. Mas tenho conseguido me controlar e, antes de condenar, tenho procurado compreender qual o sentido da pipoca nessas sessões.

A partir do que tenho escutado, creio que a intenção é oferecer aos estudantes uma atividade lúdica (termo que está na moda no meio educacional), mostrando o cinema como algo divertido e prazeroso. Convido os educadores a refletirem sobre o papel do cinema no processo educativo, lembrando que escola e cinema são “entidades” de mundos muito diferentes.

O cinema surgiu no finalzinho do século XIX, como resultado do desenvolvimento tecnológico de vários inventores e curiosos, mas quem se interessou em investir na novidade foram os homens do entretenimento. Não por acaso, o ilusionista francês George Méliès tornou-se um dos pais do

cinema, ao desenvolver trucagens de edição e os primeiros efeitos especiais que encantavam as plateias. Os intelectuais torciam o nariz para a diversão das “classes populares” e demoraram a compreender o valor artístico do cinema. O termo “sétima arte”, cunhado por Ricciotto Canudo – um dramaturgo italiano radicado na França – só foi compreendido nos anos 1920, isto é, quando o cinema já existia há um certo tempo e a elite cultural europeia não tinha mais como esconder seu encantamento por aquela sedutora e complexa linguagem. A partir de 1921, surgiram os *cinè clubs* na França e o cinema começou a ser considerado *cult*, isto é, uma experiência que ia muito além do entretenimento, porque estimulava a sensibilidade e mobilizava muito conhecimento. Dessa época em diante, o cinema ganhou o *status* da arte, mas nunca deixou de ser também entretenimento.

O cinema carrega consigo essa dicotomia: Indústria Cultural ou Arte? Diversão ou Cultura? Esse dilema ainda nos perturba, até porque são tensões do século XX que continuam sem resposta. Sinto um desconforto quando ouço as pessoas classificarem um filme como “cinema comercial” ou “cinema de arte”. É muito simplificador rotular as obras assim, pois a realização de um filme, mesmo que de olho na bilheteria, envolve a participação de muitos artistas: atrizes e atores, fotógrafos, cenógrafos, figurinistas, músicos e tantos outros. E mesmo um cineasta de vanguarda, se quiser entrar no circuito exibidor, tem que atender às regras do mercado. Há, certamente, obras audiovisuais em que o interesse mercadológico pesa muito mais no resultado. E outras, com altas doses de experimentação artística. E uma infinidade de outras obras entre esses dois polos. O fato é que, quando pensamos no cinema como instrumento pedagógico, esses rótulos não nos ajudam.

Já o mundo da escola tem seus dilemas próprios: formar para a vida ou transmitir informações? Paulo Freire condenava o que ele chamava de “educação bancária” há mais de 60 anos. E até hoje vemos escolas fazendo sua propaganda de uma “escola forte”, em torno de um currículo com muito conteúdo e intenso preparo para o vestibular. De uma forma geral, a escola não conseguiu ainda perder seu viés de educação com sofrimento. Para a escola “forte”, o processo educativo passa pelo acúmulo de conteúdos e pela coerção das avaliações, o que muitas vezes não faz nenhum sentido para o estudante. Sem dúvida alguma, a escola é o espaço da reflexão e da produção do conhecimento. E, segundo o senso comum, pensar e aprender é necessário, mas não é divertido.

Para amenizar esse sofrimento, pode-se alegrar os alunos com uma “sessão pipoca”.

Será que, ao separar o conhecimento da diversão, a escola não está reforçando o lado entretenimento do cinema e a ideia pesarosa da escola? Então, por que não há pipoca na aula de Ciências ou de Matemática? Ah, é porque essas áreas são “sérias” e o cinema é o momento da descontração. A cultura escolar tradicionalmente legitima apenas a linguagem letrada, em contraponto à audiovisual, que representa o momento do relaxamento.

A ligação entre a pipoca e o cinema, diz a lenda, vem do tempo em que o cinema era apresentado em parques ou galpões que agregavam também espetáculos circenses e musicais. Sempre havia um pipoqueiro por perto desses espaços. Especialmente nos EUA, após a depressão dos anos 1930, cinema e pipoca podiam ser consumidos com pouco dinheiro, o que fez com que o casamento entre os dois acontecesse. Atualmente, os donos das salas de cinema multiplex obtêm mais lucro com a venda de baldes de pipoca e de refrigerantes do que com os ingressos para os filmes. Para alguns frequentadores, é quase obrigatório consumir pipoca no cinema, porque ela está ligada ao momento da diversão. Para outros, esse hábito é infernal, porque atrapalha a fruição do filme com a atenção necessária.

O que eu acho mais complicado nas “sessões pipoca” é que muitas vezes elas são oferecidas somente como diversão, sem critério na escolha do filme e sem qualquer debate. É muito comum que alunos levem os filmes da casa deles e, neste caso, o professor “mostra o quanto ele é bacana”, permitindo que eles vejam o que eles querem. Também é forte o uso de filmes quando falta algum professor. Essas práticas só reforçam o preconceito de que o cinema na escola é enrolação, é tapa-buraco, já que a aula séria é aquela expositiva e chata. Já estive presente em sessões com estudantes, em que a pipoca é servida no meio do filme, atrapalhando a sessão. Neste caso, a pipoca adquire maior importância que o filme, a mesma lógica dos donos de salas dos shoppings.

Nada contra a pipoca. Nem contra os filmes dito comerciais. O que é preciso refletir é qual a intencionalidade dos educadores com aquela atividade de cinema. Se ela está sendo promovida para “alegrar”, acho um mau sinal, porque a transformação da escola vai se dar quando mostrarmos às crianças e jovens que aprender é interessante, é saboroso, é estimulante. Um filme na escola não é sessão da tarde, deve ser uma experiência significativa e tão prazerosa quanto todas as aulas, promovendo reflexão e produção de conhecimento.